

VOCAÇÕES RELIGIOSAS: ALTOS E BAIXOS

Pode parecer estranho, à primeira vista, querer aplicar um modelo da economia ao problema das vocações religiosas e sacerdotais. Mas foi o que fizeram os sociólogos americanos Rodney Stark e Roger Finke.¹ Demonstraram que é possível estudar assim as questões da Sociologia da Religião. São eles os pais da teoria da «rational choice» (*opção racional*) O campo religioso pode ser considerado como uma forma de «mercado» em que as «empresas» em concorrência entre si lutam para conquistar a simpatia de novos «consumidores» e a fidelidade dos antigos.

É possível que alguns se escandalizem diante de uma abordagem da religião em termos de mercado: consumidores, custos e benefícios. No entanto, o modelo «rational choice», vem sendo utilizado há mais de duas décadas nos Estados Unidos, sem que demonstre sintomas de envelhecimento até agora.

Baseado nesta publicação, tentaremos estabelecer algumas correlações com o quadro religioso do nosso país e algumas considerações de ordem prática.

Os dois autores verificaram o declínio das vocações ao sacerdócio e à vida religiosa, tanto masculina como feminina, em seis nações – Estados Unidos, Canadá, França, Alemanha, Grã-Bretanha e Holanda – no período de 1965-1995. Dentre os candidatos ao sacerdócio, a queda é vertiginosa na Holanda com –81% e na Grã-Bretanha com –54%. Dentre as vocações religiosas masculinas, o mesmo se assinala na Holanda com –82% até –68% na França. As vocações religiosas femininas diminuíram de –51% na Holanda a –43% na Grã-Bretanha.

RAZÕES SOCIOLOGICAS

Perante uma mudança de tão grande dimensão, é compreensível que tenham aparecido muitas explicações. A mais vulgarizada, prin-

¹ RODNEY STARK - ROGER FINK, *Catholic Religious Vocations: Decline and Revival*, in *Review of Religious Research*, 2000, vol. 42:2 (2000), pp. 125-145.

principalmente pela mídia, é que a culpa da queda das vocações cabe à hierarquia por não ter atendido a atual geração de católicos que não aceita a obrigatoriedade do celibato para o sacerdócio, como também a exigência da pobreza para os que optam pela vida religiosa. Em outras palavras, a intransigência ante reformas liberais. O agravante, alega-se, foi a resposta apelando à obediência, insistindo na disciplina ao invés da abertura de um diálogo franco.

A razão da saída, entendida então como falta de idoneidade e imprudência na admissão ao sacerdócio, transparece no questionário publicado em 1964 pelo então Santo Ofício, interrogando sobre a influência familiar ou social nociva, dificuldades com o celibato, com a disciplina eclesial por sentimento de insegurança ou de insatisfação, por falta de identificação com o seu ministério, enfim por dificuldades com a doutrina. Mas pouco a pouco se desenhava um outro perfil de uma outra categoria de demandantes da demissão do estado sacerdotal: não entram nas categorias anteriores do questionário, mas alegam um desacordo sobre o ministério sacerdotal, indicando assim uma realidade nova. Tal fato levou a Congregação para a Doutrina da Fé a adequar o processo canônico às novas circunstâncias.²

Tomando em conta especificamente a situação da religiosa, pretendeu-se explicar o fenômeno apelando para a multiplicação das possibilidades oferecidas às mulheres nos vários campos profissionais, de modo que a opção religiosa deixou de ser a grande atração e oportunidade para as jovens católicas de usufruir de uma mobilidade social. Uma jovem que pretendesse ser professora, enfermeira ou assistente-social via tais profissões ligadas à figura da religiosa. Os Institutos Religiosos eram vistos como um caminho para a mobilidade social para moças que, via-de-regra, não desfrutariam de tal oportunidade por serem imigrantes, gente de classe proletária ou de famílias rurais. Por outro lado, era do máximo interesse dos Institutos Religiosos promoverem seus membros a fim de ocuparem os lugares de direção em hospitais, escolas, orfanatos e asilos que, muitas vezes, eram de sua propriedade, além de sua responsabilidade. A presença de uma quadro de religiosas aí oferecia «a priori» uma simpatia e confiabilidade grande diante do público atendido. Foi o que aconteceu na Europa Ocidental e nos Estados Unidos durante os séculos XIX e XX. A mudança de expectativas, particularmente, eclodiu em primeiro lugar nas nações economicamente desenvolvidas. Passam a galgar as mul-

² MICHEL KAUFMANN, *Regard statistique sur les prêtres qui quittent le ministère*, in *Social Compass*, XVII / 4 (1970), p. 502.

heres funções de prestígio como empresárias, estudos superiores e lideranças em movimentos políticos e sociais.

RAZÕES ECLESIAIS

Há outros ainda que propõem que o declínio das vocações religiosas se deve à radical revisão das funções religiosas conforme o Vaticano II (1962-1965). O trabalho da religiosa era visto na perspectiva de uma missão sagrada, comparando-se ao papel de filantropia exercido comumente pelas primeiras damas do Estado. A abnegação e a gratuidade deveriam caracterizar tal serviço, sem pensar em termos de profissionalização e suas devidas implicações trabalhistas. Pensar nestes termos seria dessacralizar uma vocação.

Finalmente, o termo «aggiornamento» se tornou uma palavra de ordem. Era uma resposta ao Concílio. Cumpria ajustar o passo ao convite de João XXIII: abrir portas e janelas para que uma lufada de ar fresco, de renovação, invadisse as antigas instituições. Os Institutos Religiosos, empreenderam um grande trabalho de revisão das suas Constituições. Foi mais fácil mudar os padrões externos do que as concepções, não obstante a força daqueles haveria de pressionar uma mudança mais rápida e profunda destas, sem que isto pudesse ser previsto num primeiro momento. Sem sombra de dúvida foi uma onda de humanização da vida religiosa., sem deixar de provocar nela uma real crise, que há quem chame purificadora. Em grande parte, os religiosos dispensaram os seus sinais identificadores externos, como o hábito, agora se fazendo irreconhecíveis e não mais objeto de um tratamento especial e de reverência em público. Estas mudanças, que os citados sociólogos chamam perdas, ocorreram sem uma devida compensação, diminuindo assim os custos e incrementando os benefícios. Fala-se então de uma laicização da vida religiosa. Ora, um investimento só é visto com bons olhos enquanto implica um benefício maior do que seu custo.

RELIGIOSAS: OPORTUNIDADES E DECRÉSCIMO

Stark e Finke não deixam de apreciar a explicação do declínio das religiosas em paralelo com o aumento de chances de ascensão social da mulher. Chamam-na de maneira eufemística «elegante». Entretanto objetam que os dados empíricos não confirmam a conclusão. Primeiramente, nos mesmos anos o número de vocações masculinas também sofreu uma notável diminuição. E foi impressionante a quantidade: -82% na Grã-Bretanha, -81% na Alemanha até -68% na França. Ora, se a primeira explicação fosse válida, não

justificaria o mesmo fato entre os homens, que sempre contaram com mais chances de mobilidade social, através da ocupação profissional e oportunidades de estudo. Em segundo lugar, as chamadas «possibilidades seculares» oferecidas às mulheres têm um incremento contínuo a partir de 1948, crescendo a possibilidade de educação e carreira, mas ao mesmo tempo aumenta também o número de religiosas até 1965. A seguir, enquanto a curva de «possibilidades seculares» prossegue seu crescimento, diminui, ao invés, o número de freiras. Em terceiro lugar, enquanto o processo de «possibilidades seculares» é gradual e contínuo, a queda do número de religiosas é brusco e descontínuo, acontecendo principalmente entre 1966 e 1969, com uma sucessiva estabilização num patamar bem inferior até os anos recentes.

Focalizemos também a situação entre os religiosos. Entre nós o problema não parece tão grave, como nos países acima estudados, porém, nem por isso deixa de existir. Consideramos o período de 1978 a 1999, espaço um pouco menor do que no estudo acima. No entanto, notamos que enquanto os sacerdotes diocesanos no mundo aumentam de 0,96, especialmente no continente americano de 12,41%, o mesmo não se dá com os religiosos. Na categoria de sacerdotes, a diminuição mundial foi de -11,67%, sendo -15,37% na América. A crise foi maior nas Congregações não clericais, com um decréscimo total de -26,88%, contando a América com -30,88%. As religiosas acompanharam, em menor escala, este declínio: no mundo -18,31%, tendo a América -21,36%.³

UMA TEMPESTADE

Finke e Stark concluem que a causa principal do declínio das vocações reside em um acontecimento ou uma série de acontecimentos, que deve ter tido lugar na segunda metade da década de 1960, de maneira repentina e que levou de arrastão tanto mulheres como homens católicos. Não foi apenas um incidente de percurso. Tanto assim que entre 1965 e 1970 observa-se um fenômeno de grande perplexidade. Exemplificando com os Estados Unidos: as 181.421 religiosas baixaram para 153.645, os religiosos irmãos de 12.255 para 11.623 e seminaristas (incluindo diocesanos e religiosos) de 48.046 para 28.819, numa taxa de -40%. Só no ano de 1970, deixaram a vida religiosa 4.377 mulheres.

³ RAFFAELE SACCO, *Vocações ao ministério ordenado e à Vida Consagrada: tendências mundiais*, in *Revista Rogate*, jan/fev 2000, pp. 12-13.

Para confirmar o fato, observa-se no Brasil uma diminuição progressiva de ordenação sacerdotal dos religiosos em relação aos diocesanos. «Os religiosos, depois da “crise” ainda não se recuperaram e, hoje, são cerca de 6% a menos que em 1970». A perseverança é o grande problema: entre 1970 e 1995, enquanto nos seminários diocesanos ordenavam-se 70% dos ingressados na filosofia, os religiosos apresentava a taxa de 50%.⁴

Na medida em que se consegue detectar os fatores do declínio das vocações religiosas, é possível aplicar o «princípio da reversibilidade», isto é, promovendo a reversão dos mesmos fatores ou sua correção, de modo que seja superada tal situação crítica. Os dois sociólogos procurarão analisar algumas reações no sentido de alterar a situação. Arma-se assim a hipótese que as organizações religiosas tidas como mais rígidas são mais fortes e oferecem uma base para compromissos mais estáveis. Eles fazem questão de frisar que não estão sugerindo que as organizações católicas devam ser rígidas ou que possam contar sem mais com motivações profundas.

O VATICANO II E AS VOCAÇÕES

No balanço geral de todo o processo do Vaticano II, a Igreja teve a coragem de proceder uma reforma de suma importância, em primeiro lugar no plano doutrinal, redefinindo-se como «povo de Deus» e acentuando o carácter de comunhão. Os estudos sobre a presença da Igreja no mundo contemporâneo, mostrou-a como uma inspiração e não domínio. Por outro lado, a reforma litúrgica introduziu a língua vernácula e os leigos viram ampliadas suas funções, especialmente no culto e nos sacramentos. A colegialidade dos bispos foi revalorizada. A rápida mudança teve um grande impacto sobre os religiosos, habituados até então a uma estrutura sólida e testada anos e anos a fio. É muito natural que isso viesse a ocorrer. O passar dos anos, dentro de uma imutabilidade, faz com que se acabem identificando meios e fins, o elemento acidental e essencial. Formas expressivas de uma cultura e de uma época passam a ser vistas como essência de vida.

A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* declarou que todos os cristãos são chamados à santidade simplesmente pelo fato de terem sido batizados. Não seria novidade nenhuma, se não considerássemos o que se dá na realidade: «É necessário, entretanto, reconhecer que

⁴ P. ALBERTO ANTONIAZZI, *A situação brasileira*, in *Jornal Opinião*, n. 691 (2000), p. 10.

esta verdade não teve sempre a clareza desejável na consciência média dos grupos cristãos e, sobretudo em certas épocas, na de muitos Pastores. De fato, conduzia-se muito facilmente como se a comunidade cristã cumprisse suficientemente com o seu dever ao delegar à “vida santa” os monges, religiosos e diversas categorias de pessoas piedosas, enquanto o comum dos fiéis parecia por demais exposto aos compromissos com o mundo para aspirar a mais que um “estar em dia” com as exigências de uma prática bastante fraca e de um certo mínimo indispensável».⁵

Fiel à exposição do Concílio, o *Código de Direito Canônico* de 1983, diferentemente do anterior de 1917, não mais designa a vida religiosa como um estado de perfeição. Era tida anteriormente como uma condição superior à do estado leigo. «Do ponto de vista da estrutura divina e hierárquica da Igreja, tal estado (religioso) não constitui um estado intermediário entre o clerical e o leigo» (*Lumen Gentium*, nº 116). A vida religiosa é um «sinal» na Igreja, mas também o são o sacerdócio ministerial, o laicato e o estado matrimonial. O efeito disso teve maior repercussão entre as religiosas, porquanto muitos religiosos são também sacerdotes. Foi o equivalente a um terremoto: abalou uma fundamentação ideológica de dezoito séculos de vida religiosa na Igreja.

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* entabou um diálogo com o mundo, não mais visto como o inimigo da Igreja, mas o seu interlocutor. Os cristãos foram convocados a marcar sua presença nas diferentes realidades. Os religiosos sentiram que deviam quebrar seu isolamento e participar plenamente da vida do mundo. Para isso, urgia partir para novas formas de vida de modo a permitir uma proximidade maior com o povo, partilhando de suas aspirações, angústias e de suas lutas.

O Decreto *Perfectae Caritatis* embora vago nas suas expressões referentes à renovação em concreto da vida consagrada, foi enfático ao declarar: «A organização da vida, da oração e do trabalho, há de adaptar-se por toda parte e, sobretudo nos territórios de missões, às condições físicas e psíquicas hodiernas dos membros e ainda, conforme o exija a índole própria do Instituto, às necessidades do apostolado e às exigências da cultura, como igualmente às circunstâncias sociais e econômicas» (nº 3). Foi como o sinal de partida das experiências na vida religiosa: comunidades inteiras deixaram seus con-

⁵ M. LABOUBETTE, O.P. - I. IPARRAGUIRRE, S.J., «A vocação universal à santidade», in *A Igreja do Vaticano II*, Ed. Vozes, Petrópolis 1965, p. 1057.

ventos, trocando-os por apartamentos, agora em pequenos grupos. A clausura, entendida como espaço de privacidade, cedeu lugar a uma convivência próxima com os leigos. As instituições de propriedade dos Institutos Religiosos foram alienadas ou passaram para a direção de leigos. O trabalho profissional passou a ser exercido em entidades não-confessionais ou se enveredou por uma pastoral em tempo integral. Os distintivos externos, como os hábitos, deixaram de existir; abriu-se espaço para maior autonomia individual; intensificaram-se as atividades externas na razão inversa daquelas internas como encontros de reflexão e oração, as obrigações de vida comunitária que, no passado, serviam para fomentar a solidariedade. A religiosa passou a oferecer menor empenho em prol da sua comunidade e, por consequência, menor acabou sendo também o usufruto dela. Mesmo reconhecendo o esforço no sentido de criar um novo sistema de símbolos religiosos, não se com seguiu o mesmo êxito em comparação com os antigos. O rigor, pelo qual se pautava a vida conventual, se tornou mais flexível e originou formas mais espontâneas de oração. Os efeitos perduram ainda hoje. Numa exposição aos membros das Cúrias Gerais, em 16 de março p.p., Padre Giordano Cabra descreveu a experiência concreta das comunidades religiosas em que se nota «uma certa dificuldade generalizada para praticar uma verdadeira escuta da Palavra de Deus», contudo, ao mesmo tempo, se sente também a «urgência» de retomar o contato vital com a Palavra. «É absolutamente necessário tomar clara consciência desta “decadência interior” não pouco freqüente entre nós, do enfraquecimento de nossa mentalidade cristã diante da ingerência do mundo, sob pena de tornar inteiramente irrelevante a vida consagrada do nosso tempo. A verdadeira fragilidade da vida consagrada não reside tanto na escassez numérica, mas muito mais na aridez espiritual, que torna incompreensível e até inútil um gênero de vida que pretenderia reproduzir a forma de vida de Cristo, para afirmar que também hoje se deve amar e servir a Deus, com a totalidade do próprio ser, como o fez o próprio Jesus Cristo». Vejamos o caso concreto do Brasil. No correr de 1997 a 1998 o CERIS, juntamente com a CRB, promoveu a Pesquisa *Vida religiosa no Brasil*.⁶ O elemento *vida comunitária* foi apontado por 40% das religiosas e 35% dos religiosos como algo que deveria ser mudado. Se somarmos as respostas sobre este item com *estilo de vida*, este número, compreendendo ambos os sexos, ascende à metade do número dos que

⁶ CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais) e CRB (Confederação dos Religiosos do Brasil), *Vida Religiosa no Brasil: Pesquisa e primeiros resultados*, Publicações CRB, 1998.

falam em alteração das relações interpessoais e ambientes relacionados à vida comunitária. Explicitam-se: individualismo, autoritarismo, conservadorismo, aburguesamento, comodismo, consumismo, secularismo, clericalismo, assim como pareceres sobre a maneira de trajar e certos costumes (uso do dinheiro, TV, fumo, dança) vistos como inadequados. Por outro lado, positivamente, aparece a necessidade de alegria e simplicidade, animação e entusiasmo.⁷

Em linguagem de economia, podemos dizer que os custos se tornaram menores, porém, não acarretou um benefício maior. O respeito e até mesmo a reverência, por parte dos leigos olhando o carácter sacral do religioso, sofreu uma diminuição. Deixou de ser visto como significativo para a sociedade. As religiosas, de modo especial, no exercício de uma profissão em hospitais e escolas no mesmo nível de funcionários como os leigos, passaram a perguntar-se por que ser religiosa com o acréscimo de uma profissão? Não é mais fácil optar pela função de animadora de comunidades, agente de pastoral, promotora de obras sociais com mais independência para o trabalho, desobrigando-se dos votos religiosos? O modelo próprio da vida religiosa deu lugar, muitas vezes, a uma procura de igualdade com os leigos na apresentação e nos comportamentos externos. Houve quem começasse a questionar o específico da vida religiosa. Eclodiu uma crise na vida consagrada, muito grave, pois não se debatiam só os meios mais efetivos de vivê-la, mas o seu sentido para a vida atual. É claro que, na ausência de um retribuição de ordem moral, não pode haver uma atração por parte de eventuais candidatas à vida consagrada.

The day after

O evento de tão grande revolução no campo vocacional, conforme os dois sociólogos, só pode ser um conjunto de fatores que derivou do Concílio Vaticano II e das reformas pós-conciliares. Aplicando o modelo da «rational choice», verifica-se que os «custos» da opção religiosa católica tiveram um decréscimo, por exemplo, a disciplina se tornou mais flexível, mas a estrutura fundamental baseada nos votos de pobreza, obediência e castidade permaneceu intocável; enquanto os «benefícios» diminuíram até drasticamente. O «aggiornamento» pós-conciliar tornou menos vivo o sentido comunitário no interior dos conventos, assim como a consideração das figuras sacerdotais e religiosas baixaram no seu status social, pois antes gozavam aos olhos do

⁷ LÚCIA PEDROSA - ANDRÉA DAMASCENO - MARCELO PITTA, *Identificando grupos na Vida Religiosa brasileira. O pluralismo em evidência*, in *REB*, abril 2002, p. 415.

mundo católico, em geral, de uma grande respeitabilidade, também em força da «separação» assinalada por características particulares, que lhe conferia uma aura de mistério. Uma vez que a «rational choice» postula que as opções religiosas não estão fora da normal dinâmica de uma estima implícita da relação custos-benefícios, Finke e Stark concluem que esta relação sofreu uma alteração repentina e dramática nos primeiros anos turbulentos do pós-Concílio, para ambos os sexos. Para a América Latina é preciso somar o acontecimento de Medellín, em 1968, que «passou a limpo o Concílio nos termos dessa nossa realidade concreta. Complementou, assim, a eclesiologia do Vaticano II, obrigando a vida religiosa a considerar de perto a necessidade de uma conversão histórica mais efetiva».⁸

Uma referência de comprovação é feita pelos dois estudiosos comparando a situação dos países pesquisados e a situação de Portugal e Espanha. Nestes últimos países, após o ano de 1965 o número de vocações não diminuiu por muitos anos. Percebe-se a queda das vocações na península ibérica com a introdução de um regime de carácter democrático, quando a própria Igreja sai do seu isolamento. Sabemos que o franquismo e o salazarismo impediram com uma série de medidas a penetração das reformas pós-conciliares, retardando a crise das vocações. Refletindo o quadro social, a hierarquia atrasou a discussão e aplicação de certas medidas do Concílio, principalmente no concernente aos religiosos. Além deste aspecto político, o papel da vida sacerdotal e religiosa conheceu uma crise menor após o Concílio, em outros países, por razões de tipo cultural, como no caso da Itália.

PERSPECTIVAS DE FUTURO

Fato curioso, que é apresentado também como comprovação desta tese, se acha em uma notória retomada do estilo «tradicional» da vida sacerdotal e religiosa, produzindo uma elevação de vocações. Pode-se averiguar o fenômeno em Institutos Religiosos tidos como «conservadores» e também em determinadas dioceses. Os dois autores elaboraram um elenco de dioceses norte-americanas, comparando-as nas suas posições, de acordo com a mídia, mais «tradicional» e mais «progressistas». Ficou constatado que as ordenações e o número de seminaristas nos anos de 1990 das primeiras é mais elevado, numa porcentagem de três vezes mais na referência ao número de católicos diocesanos.

⁸ P. EDÊNIO VALLE, S.V.D., *Refundação e profetismo. Uma reflexão sobre a espiritualidade da VR na transição brasileira*, in *Nosso Boletim*, Nº 4, 1999, p. 8.

Não se trata absolutamente de um julgamento de valores: é resultado de uma pesquisa sociológica. Tanto assim que os autores, mais de uma vez, repetem que estão escrevendo em uma revista científica «politicamente correta», sem ligações ou interesses confessionais. «Não pretendem apontar para a Igreja Católica uma solução conservadora para solucionar seus problemas de vocação». Não se deseja sequer sugerir que só uma Igreja conservadora será capaz de recrutar muitos candidatos. A conclusão deles é que uma Igreja liberal não é capaz de motivar a intensidade de compromisso requerido para justificar sacrifícios inerentes à opção pela vida religiosa.

A fim de se promover um reavivamento vocacional, existe uma dupla alternativa para a Igreja, dentro de uma ótica de «rational choice»: diminuir os «custos» (abrir facilidades maiores de ingresso) ou «restaurar os benefícios tradicionais» da vida religiosa. Este estudo não advoga a escolha de nenhuma das estratégias. São claras as duas posições, seja em favor da «volta à antiga disciplina» ou a sua demonização. A primeira solução foi adotada pela Igreja Episcopal (o braço norte-americano da Igreja Anglicana) mediante «altas retribuições» (até cerca de 200 mil dólares anuais para um bispo) e nenhuma restrição para a acolhida no seu clero de divorciados, homossexuais assumidos e outros. Sem levar em conta os resultados desta política, cumpre ressaltar que a diminuição dos «custos» resulta mais difícil de ser adotada pelos católicos em razão das normas e prescrições da hierarquia eclesiástica. A segunda estratégia – «restaurar os benefícios tradicionais» – tem sido objeto de muitas tentativas nos últimos anos com efetivos «incrementos de vocações».

O REALISMO DOS NÚMEROS

O Vaticano II foi visto como uma primavera, não só para a Igreja, como também para a vida religiosa. Possibilitaria seu futuro incremento. Sua nova face seria um ponto de atração sobretudo para os jovens. A manutenção das antigas obras foi vista como um empecilho, uma vez que se apresentaria apenas como uma ocasião de preenchimento de lacunas por forças novas. Seria como remendar roupa velha com retalho novo ou pôr vinho novo em odres velhos. Por conseguinte, ao invés de renovação haveria uma restauração. Mas a primeira euforia deu lugar à realidade da diminuição dos membros das Congregações.

As petições de «redução ao estado leigo» apresentadas a Roma, foram num contínuo crescendo de 1962-63 até o ano de 1970. Tendo em conta exclusivamente os sacerdotes religiosos, a Congregação para

a Doutrina da Fé declara que as dispensas pedidas de 1962 a 1968, sobre o número de padres no ano de 1966, foram de um máximo de 6,04% dos Mercedários; de 4,41% dos Padres da Santa Cruz; de 3,86% de dominicanos até o mínimo de 1,28% de Esculápios, de 0,84% de Passionistas e de 0,51% de Cônegos Regulares (diversos). Em números absolutos: de 13.898 a 14.148. Num arco de seis anos, seria como se tivessem desaparecido todos os beneditinos, duas vezes os dominicanos, a totalidade do clero diocesano da América do Sul. Cumpre lembrar que aqui não estão computados os que abandonaram o ministério sem preocupação de solicitar dispensa canônica. Somando as partidas canônicas e não canônicas, pode-se falar de uma taxa de 1,71% sobre o total do clero da América do Sul, superando o Brasil esta média com 2,20%. Em 1968, globalmente se estimava que para dois pedidos a Roma, tinha lugar uma saída espontânea. Mas este segundo tipo de desligamento acabou superando o primeiro, tanto assim que se pode afirmar com bastante segurança que, comparativamente a 15.000 padres solicitantes de dispensa, os outros montam entre 22.000 a 25.000.⁹

NOVOS TEMPOS

É um fato comprovável que as Congregações sem um hábito próprio e permitindo às Irmãs que se vistam a seu gosto e discrição, têm um número bem menor de candidatas. Muitas das novas candidatas são pessoas que se recusam ou se sentem inseguras diante da participação e a direção das tradicionais obras sociais, como as atividades sanitárias e educacionais. O problema parece ser paradoxal: como é que a promoção vocacional diminui quando as comunidades *reduzem* o custo de entrada nas mesmas? Por outro lado, outros grupos são mais rígidos e contam com maior procura? Aí a sociologia nos poderá dar uma boa mão quando analisa o significado de comunidade. Ela implica em laços, obrigações e mútua interdependência, é absolutamente incompatível com o individualismo ou ação dos franco-atiradores.

Em 1993 foi promovida uma pesquisa em Congregações Religiosas femininas pelo *Center for Applied Research in the Apostolate* (CARA), resultando que aquelas que enfatizam a importância da comunidade religiosa possuem um número quatro vezes maior do que as outras (107 a 23). As que mudaram sua espiritualidade desde

⁹ MICHEL KAUFFMANN, *op. cit.*, pp. 497-502.

o Vaticano II tinham apenas 45 noviças, enquanto as outras apresentavam 95. Nem por isso se sugere que as candidatas potenciais são atraídas pelo alto custo da vida comunitária, como se o mais caro fosse o melhor no campo comercial. O que se quer dizer é que as candidatas passam por cima do rigor do ingresso, porque são atraídas pela retribuição religiosa e social oferecida por uma comunidade estável de vida religiosa. A expressão «vale a pena» resume o que se escreve aqui. Há uma «pena», significando o custo. Mas o «vale» é equivalente a uma grande satisfação. Pode-se objetar que mais importante é a qualidade que a quantidade. Sem dúvida alguma. No entanto, é preciso ainda provar que o número diminuto seja sinônimo de qualidade se mais.

Existe ainda outros fatores a serem considerados, enquanto representam sinais dos tempos. É preciso lê-los e interpretá-los objetivamente.

Primeiro, esgotada a onda contestatória dos anos 60 e 70, muitos seminaristas e padres de hoje parece de novo atraídos por um modelo antigo de sacerdotes, restaurando a veste talar ou o hábito e tradicionalismos tidos até agora como superados. O que está por trás desta tendência? A revista *Jesus* dedica um dossiê à questão.¹⁰ O tema provoca reações opostas na tentativa de uma explicação. Alguns apelam a um conjunto de causas: freqüentemente os padres se sentem realizados no culto, mas pouco realizados em outros campos, resultando no retorno a coisas que se acreditavam ultrapassadas e que, por vezes, dão a impressão que a aparência conte mais que o interior. Em resumo, a compensação de desfrutar uma identidade mediante certos sinais externos. Outros, com tom mais moderado, se exprimem com mais cautela não ousando falar de um retorno ao passado propriamente dito. Os padres dos anos 60 e 70 tinham diante de si realidades sócio-políticas a serem contestadas. O mundo mudou, nem todos problemas se solucionaram, mas acabaram passando para outras lideranças fora do âmbito da Igreja ou se encaminharam em outro sentido, para não falar do surgimento de problemas novos. A dificuldade dos jovens padres de hoje, porém, é que não têm perspectiva de um caminho, mas se encontram ante um emaranhado de situações as mais diversas e, muitas vezes, provam de perto a insegurança tanto no fazer como no ser. Outra é a visão de um sociólogo: não ousa definir a atitude dos atuais padres clericais como «exterioridade». Para ele, são convicções, porque a segurança que buscam é uma necessidade fundamental. O bem-estar espiritual, a tranquilidade de

¹⁰ *Giovani com il «collare»*, in *Jesus*, ottobre 2000, pp. 49-61.

espírito, hoje em dia, não está conexo com o egoísmo, não está em contraste com a generosidade, a dedicação.¹¹

Quem são os jovens e as jovens que atualmente procuram a vida sacerdotal ou religiosa? Vêm, em grande parte de Movimentos eclesiais: *Renovação Carismática Católica, Comunidades neo-Catecumenais, Comunhão e Libertação*, etc. Lá têm a sua primeira experiência de Igreja. Dos atuais seminaristas religiosos do Brasil, declaram ter pertencido a algum grupo religioso 64,89%.¹² E são 29,78% dos seminaristas que atribuem sua vocação aos grupos religiosos. Precisamos convir, porém, que os Movimentos tendem a formar seus próprios padres e para isso não faltam Seminários. Cumpre ressaltar que já se fala da necessidade premente de as Congregações Religiosas estabelecerem um diálogo com os Movimentos: «uma autêntica comunhão, de um entendimento e colaboração eficazes entre as famílias religiosas e os novos movimentos eclesiais, considerados em conjunto, como uma única frente carismática da Igreja», no dizer do Pe. Fábio Ciardi, OMI, em sua relação sobre o tema «Os Institutos de Vida Consagrada e os Novos Movimentos Eclesiais: juntos na causa do Reino». Relação esta que teve lugar em 21 de abril do ano passado, no âmbito dos encontros promovidos pela Associação dos Membros das Cúrias Generalícias (AMCG), em Roma. Não se trata de competição entre formas de carismas, antigas e novas, visto que estas não substituem as anteriores, mas se enriquecem mutuamente. Antes, em 1998, o Frei Camilo Maccise, OCD, presidente da União dos Superiores Gerais, por ocasião do Congresso Internacional dos Movimentos Eclesiais, precisara que a vida consagrada e os Movimentos são complementares e acrescentava, talvez de maneira otimista demais, que algumas tensões existentes no passado, estavam superadas. O problema da «dupla pertença» foi objeto de um esclarecimento autorizado no documento sobre «A vida fraterna em comunidade» de 1994.

Finalmente, os jovens de hoje são muito diferentes de dez, vinte anos atrás. São outras suas expectativas, visões e esperanças. Este fato se pode notar na mudança do teor da publicidade da promoção vocacional. Tomamos como amostra o que é veiculado na Revista «Família Cristã». Antes a tônica era um convite para participar de trabalhos, em geral de ordem social, ensino, promoção da saúde, tarefas com categorias sociais: jovens, operários, doentes, favelados, mar-

¹¹ *Ibid.*, pp. 53-54.

¹² CNBB, *Situação e vida dos seminaristas maiores no Brasil*, Paulus, São Paulo 1995, p. 122.

ginalizados e outros. A ênfase era depositada no fazer e não no ser. Muito raramente se revelava o que distinguia o Instituto Religioso. Ultimamente o apelo se faz apontando mais o carisma. A ilustração é feita com os santos padroeiros ou fundadores e não faltam cenas de grupos de formandos com hábitos religiosos ou uniformes.

A BUSCA DA PLAUSIBILIDADE

A questão agora se coloca em potencializar o «benefício», de modo a compensar o alto preço do «custo». Como fazê-lo?

Ora, a comunidade não é algo acabado, está sempre a acontecer, enquanto atinge o equilíbrio entre a força da atração interior e da pressão externa. A atração é a afinidade, a coesão. A pressão é o interesse por uma atividade comum. Portanto se trata de achar uma síntese entre a força centrípeta e a centrífuga, como o fenômeno biológico da sístole e da diástole, conforme a teoria do sociólogo G. Gurvitch.¹³

Por conseguinte, teoricamente os membros da comunidade podem ser incentivados a investir no grupo, de modo que terão pouco tempo ou atração para participar nas atividades para fora. Ou o grupo pode desencorajar as atividades externas através de proibições, restrições ou maiores exigências de compromisso para com a comunidade.

Mas nenhuma das alternativas é suficiente. Cabe ao grupo oferecer motivação para maior dedicação interior, dinamizar a participação e a contribuição de cada um. A atividade externa tem de ser um transbordamento da vida na comunidade: comunidade é que constrói comunidades. As ocupações externas não podem reduzir-se apenas a um derivativo, a uma distração, a uma forma escamoteada de negligenciar a vida comunitária ou relativizar problemas internos.

As solicitações externas já existem e tendem a multiplicar-se, porque «a messe é grande e poucos são os operários». A vida religiosa tem que prestar maior atenção à vida interna, porque se nota que o religioso passou a devotar menor contribuição à comunidade e acabou também por receber muito menos dela. E é a vida comunitária que dá suporte à vida religiosa, sustenta os votos de pobreza, obediência e castidade. «A comunidade é a primeira a sentir os impactos das diferenças pessoais, é o local das primeiras alianças e também dos primeiros conflitos. E nela que as diferenças são abafadas, suprimi-

¹³ G. GURVITCH, *La vocation actuelle de la sociologie*, 2ª ed., PUF, Paris 1959.

das e fontes de discriminação ou, num sentido inverso e construtivo, as diferenças são dialogadas, valorizadas como fonte de enriquecimento mútuo e potencializadas».¹⁴ Para reavivar as vocações religiosas, é mister revitalizar primeiramente a vida interna com suas satisfações e não apenas como resultado de disciplina e normas. Com efeito, sacrifícios e recompensas parecem ser inextricavelmente unidos: só os Institutos que solicitam muito dos seus membros são capazes de dar-lhes muito. Por exemplo, colocando como prioridade os requisitos do grupo, então será capaz de prover com a recompensa de intensa comunhão e interação. Podemos deduzir que as Congregações que oferecerem o mais alto nível de comunidade e mais incisiva distinção, não isolamento, da vida secular, terá o maior sucesso no recrutamento de novos membros. «A VR só atrairá, se a pessoa vislumbrar nela a possibilidade de ser feliz e de ser ela mesma nas suas realidades vitais; a comunidade e a ação apostólica».¹⁵ Não se trata absolutamente, afirma-se novamente, de um regresso a uma vida religiosa que existia antes do Vaticano II. As Congregações devem estar cientes que a manutenção pura e simples da tradição, sem maior discernimento, é tão prejudicial quanto o laxismo das que visam tão só um crescimento numérico. O ideal é equilibrar tradição e renovação. É a chamada fidelidade criativa, que outros traduzem como uma volta inovadora às fontes.

Aqui se abre espaço para a aplicação da «refundação». O elemento chave repousa no fato de que os membros de um Instituto são animados a uma convivência mais íntima e a conservá-la mediante práticas em comum ou dentro de um modo organizado de vida. Costumes e normas que foram postos de lado poderiam ser submetidos a uma análise pela antiga e nova geração de religiosos, não para uma pesquisa quase arqueológica, mas para se proceder a uma análise de sua finalidade, independente de suas incrustações temporais e culturais, procurando formas atuais de reprodução. O importante não é verificar o «como», mas o seu «para quê». A evolução da vida religiosa não procedeu por saltos, rupturas, mas mediante passagens, respondendo às exigências de novos tempos.

A argumentação de Finke e Stank deve ser olhada para além do problema de vocações na Igreja Católica. Há muitos anos os sociólogos americanos observam que tanto a Igreja como as denominações protestantes tradicionais vêm sofrendo uma grande sangria dos seus

¹⁴ LÚCIA PEDROSA - ANDRÉA DAMASCENO - MARCELO PITTA, *op. cit.*, p. 417.

¹⁵ *Ibid.*, p. 418.

membros. A explicação mais freqüente é que não estão em sintonia com o mundo moderno e mantêm posições anacrônicas, sobretudo no campo da moral sexual. Enquanto isso aumentam as denominações fundamentalistas, pentecostais e neo-pentecostais. Contudo muitas delas apresentam uma moral sexual rigorosa e mantêm uma postura de considerável antagonismo perante a modernidade. «Os grupos pentecostais ressocializam os indivíduos enraizados, fornecendo a eles valores e certeza de salvação, conforto e cura na nova comunidade “de eleitos”. Em troca exigem deste uma postura rígida de rejeição ao mundo, vestimenta recatada, proibição de bebida alcoólica, do fumo, da dança, do futebol e do carnaval, símbolos inclusivos da cultura nacional».¹⁶ Isto não acontece porque os cristãos são insensatos e masoquistas, afirma Finke e Stark a propósito das vocações católicas – mas pelo contrário, porque os «consumidores religiosos» são ao seu modo eminentemente sensatos e, como todos os consumidores, não consideram só os custos nem só os benefícios, mas a relação entre eles que, nas religiões, é amiúde mais favorável ao fiel onde os custos são mais altos.

PAULO GOLLARTE, O.CARM.

*Professor de Sociologia da Religião e
Pastoral Paroquial no Instituto Pio XI
dos Salesianos de São Paulo.*

*Endereço do autor:
Rua Clodomiro Amazonas, 50
04537-000 São Paulo-SP*

¹⁶ MARCELO CAMURÇA, *Pentecostalismo: êxtase e informalidade na «Ética protestante»*, in *Jornal de Opinião*, N° 684, ano 13, p. 7.